



ZORN: JUMALATTARET

Hannigan (voz), Gosling (p)

Jazz em Agosto, Gulbenkian, Lisboa,
dia 29 de julho

Este ano, o Jazz em Agosto bem podia chamar-se Zorn em Agosto, dada a forte presença física e sonora do ubíquo e prolífico compositor e saxofonista John Zorn. Escolhi a estreia europeia do ciclo de canções “Jumalattaret” (2015) para voz e piano, tanto mais que os intérpretes prometiam um acontecimento transcendente. À nossa bem conhecida soprano canadiana Barbara Hannigan juntava-se o pianista inglês Stephen Gosling, brilhante intérprete de música contemporânea. Hannigan — que tem inteligência musical e técnica vocal fabulosas e respira música por todos os poros — encontrou na música do nosso tempo o seu *métier*. Já são mais de 80 as peças que interpretou em estreia absoluta! O seu talento de atriz, conhecimento e domínio perfeito do corpo e inaudita extensão vocal também ajudam. Ainda bem que deixou para trás as árias de concerto de Mozart, cantadas ao mesmo tempo que dirigia a orquestra (como fez na sua estreia na Gulbenkian em 2012). O título das “Jumalattaret”, baseadas e inspiradas no “Kalevala” (1835), a epopeia nacional finlandesa, significa Deusas. Quais? Vellamo, a deusa das águas, ou Mielikki, a deusa das florestas? Ou será Akka, a deusa da fertilidade? A Gulbenkian não se deu ao trabalho de traduzir o texto. É verdade que Zorn usa a voz como um instrumento: há palavras e frases, mas também gritos e grunhidos, suspiros e sons cálidos — e saltos vocais vertiginosos de quase duas oitavas (ou assim pareceu). Suspeito que Hannigan tenha cantado a nota mais aguda que alguma vez se ouviu no Grande Auditório — seria um lá sobreagudo? Lembrei-me de outra peça nos limites do possível, também derivada do “Kalevala”: o poema para soprano e orquestra “Luonnotar” (1913), de Jean Sibelius. Luonnotar, o espírito feminino da Natureza, viajando por mares e ventos na companhia das aves, e a criação do mundo em menos de 10 minutos. Com os pés (descalços) na terra e a voz nos astros, Hannigan usa a sua voz ornitológica para atravessar os elementos e assumir todas as temperaturas e gradações neste diálogo com o piano. Foram 25 minutos de espanto e rendição! / **JORGE CALADO**